

"Do querer que há, e do que não há em mim": o fenômeno memorial em escolas, pelo trabalho de quatro mulheres (Porto Alegre e São Leopoldo/RS)

Danielle Brum Ginar Telles

Dóris Bittencourt Almeida

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Brasil)

Resumo

O artigo tem como objetivo problematizar a constituição de espaços de memória em quatro escolas centenárias do Rio Grande do Sul e analisar a atuação das responsáveis por esses lugares. O estudo, inscrito no campo da História da Educação, toma como referência os conceitos de patrimônio histórico-educativo e guardiãs de memória. Metodologicamente, foram visitados os museus e memoriais das instituições e entrevistadas as professoras que lá trabalham. Constatou-se que esses lugares, criados para preservar a memória, narram uma história edificante do passado institucional. Ao mesmo tempo, observa-se que a potência desses espaços depende muito da disposição e entrega dessas mulheres. Conclui-se que há um descompasso entre a dedicação das professoras e os gestos de guardar das escolas, indicativo da importância de maiores investimentos na construção de políticas de memória, não apenas centradas em ações individuais, mas fomentem atividades coletivas mais fecundas, ampliando, assim, a força do conceito do patrimônio histórico-educativo.

Palavras-chave: Lugares de memórias escolares. Patrimônio histórico-educativo. Guardiãs de memória. História das instituições educativas.

"Of the wanting that there is, and of what is not in me": the memorial phenomenon in schools, through the work of four women (Porto Alegre and São Leopoldo/RS)

Abstract

The article aims to problematize the constitution of memory spaces in four centenary schools in Rio Grande do Sul and to analyze the work of the women responsible for these places. The study, which is part of the field of the History of

Education, uses the concepts of historical-educational heritage and guardians of memory as a reference. Methodologically, the museums and memorials of the institutions were visited and the teachers who work there were interviewed. We found that these places, created to preserve memory, tell an edifying story of the institutional past. At the same time, we observed that the power of these spaces depends very much on the willingness and commitment of these women. We concluded that there is a mismatch between the dedication of the teachers and the school's gestures of preservation, indicating the importance of greater investment in the construction of memory policies, which are not just centered on individual actions, but foster more fruitful collective activities, thus expanding the strength of the concept of historical-educational heritage.

Keywords: Places of school memories. Historical-educational heritage. Guardians of memory. History of educational institutions.

"Del querer que hay, y del que no hay en mí": el fenómeno memorial en las escuelas, a través del trabajo de cuatro mujeres (Porto Alegre y São Leopoldo/RS)

2

Resumen

El artículo tiene como objetivo problematizar la constitución de espacios de memoria en cuatro escuelas centenarias de Rio Grande del Sur y analizar las acciones de las responsables de esos lugares. El estudio, inscrito en el campo de la Historia de la Educación, toma como referencia los conceptos de patrimonio histórico-educativo y guardianes de la memoria. Metodológicamente se visitaron los museos y memoriales de las instituciones y fueron entrevistadas las docentes que allí laboran. Se constató que estos lugares, creados para preservar la memoria, cuentan una historia edificante del pasado institucional. Al mismo tiempo, se observa que el poder de estos espacios depende en gran medida de la voluntad y dedicación de estas mujeres. Se concluye que existe un desfase entre la dedicación de las docentes y los gestos protectores de las escuelas, indicativo de la importancia de mayores inversiones en la construcción de políticas de memoria, no centren sólo en acciones individuales, sino que alienten actividades colectivas más fructíferas, ampliando, así, la fuerza del concepto de patrimonio histórico-educativo.

Palabras clave: Lugares de memoria escolar. Patrimonio histórico-educativo. Guardianes de la memoria. Historia de las instituciones educativas.

Por que lugares para a memória das escolas?

A memória e o patrimônio habitam o Presente. Imersos neste tempo veloz, fluido, temos nessas *palavras mestras* ancoragens que permitem melhor nos situarmos nos diferentes estratos temporais (Hartog, 2017). Neste sentido, observa-se, contemporaneamente, uma profusão de práticas preservacionistas, de criação de lugares de memória¹ (Nora, 1993), que também atingem as escolas.

Este estudo se inscreve no campo da História da Educação, toma como referência a ideia do patrimônio histórico-educativo, colocando em evidência bens culturais que devem ser salvaguardados e se estendem para muito além da excepcionalidade de edificações e trajetórias de professores notáveis, por exemplo. O conceito ainda pode ressoar como *novidade* para muitos docentes e estudantes, apesar de estar entre os interesses dos historiadores da educação há algumas décadas (Felgueiras, 2011; Souza, 2013). Oliveira e Chaloba (2023 p. 4), ao investigarem as práticas de preservação em acervos escolares no Brasil e em Portugal, também constata o quanto essas práticas são recentes, pois, apenas nos anos 1990, começou-se a investir na construção dos primeiros lugares de memória nas escolas, e essas ações relacionam-se diretamente “[...] com as mudanças teórico-metodológicas pelas quais a História da Educação tem passado nas últimas décadas em diferentes partes do mundo ocidental”.

Nesse contexto, se fortalecem movimentos que convocam para o guardar materialidades diversas da escola e de seus agentes. Consequentemente, são visíveis as vontades em constituir museus, memoriais, arquivos históricos, centros de documentação, a partir de um entendimento político do legado das instituições educativas, a ser transmitido às futuras gerações. Este ainda não é um movimento em larga escala no Brasil, mas é inegável que ele existe e cresce, sobretudo se considerarmos a relação que se dá entre universidades e escolas.

Inspirado nos versos de Caetano Veloso (Canção “O Quereres”, 1984), observando a ascensão do fenômeno memorial nas escolas como sintoma do Tempo Presente, este artigo busca problematizar a constituição de espaços² de memória em escolas centenárias do Rio Grande do Sul, tendo como referência de análise a atuação das pessoas responsáveis por esses lugares, à luz da ideia de “guardiões de memória” (Gomes, 1996). Foram

escolhidas quatro escolas privadas: em Porto Alegre, o Colégio Farroupilha, Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho, Colégio Americano, e, em São Leopoldo, município da região metropolitana, o Colégio Sinodal.

Logo no início da pesquisa, indagou-se por que estas escolas criaram esses lugares? Em que momento foram concebidos? Emergia ali a discussão sobre as "vontades de memória" (Nora, 1993; Vidal; Paulilo, 2020) de cada uma delas na intenção de produzir uma narrativa da memória escolar, por meio da salvaguarda de indícios do passado institucional e divulgá-los à comunidade.

A partir dessas indagações, o estudo busca explorar criticamente os quatro espaços de memória escolar³, tendo em vista as relações que as responsáveis técnicas firmaram com sua atividade profissional, ao longo dos anos. Portanto, em paralelo à discussão sobre a intencionalidade do local em existir, aqui interessa perscrutar o papel de quem cuida deles para que permaneçam vivos. Postulamos que essas pessoas atuam como *personagens chave* para que haja movimento e organização do lugar.

4 As escolas e seus quereres de memória

Tendo em vista que a pesquisa busca identificar e compreender a "vontade de memória" (Nora, 1993; Vidal; Paulilo, 2020) de quatro escolas, trazemos ao texto aspectos históricos, bem como reflexões acerca da constituição dos seus espaços de guarda de vestígios de materialidades pretéritas. De antemão, é preciso dizer que todas elas atendem a gerações de estudantes provenientes de classes abastadas, tanto em Porto Alegre, como em São Leopoldo.

Para tanto, apresentamos este quadro 1, com a intenção de melhor visualizarmos o momento em que se deu a fundação de cada escola e da institucionalização da memória.

Quadro 1 – Data de fundação das escolas e criação dos espaços

Instituição Escolar	Fundação	Criação do espaço de memória
Colégio Americano	1885	1994
Colégio Farroupilha	1886	2002
Colégio N ^o Sr ^a Bom Conselho	1905	2013
Colégio Sinodal	1936	1996

Fonte: Quadro 1 construído pelas autoras a partir de dados disponíveis nos lugares de memória pesquisados.

Ao prestarmos atenção em quando foram criados os lugares de memória (Nora, 1993), constata-se que a proximidade temporal entre eles é um sinal da força da memória no Tempo Presente (Hartog, 2006). As escolas foram fundadas no final do século XIX e primeiras décadas do século XX, contudo apenas após a década de 1990 é que se pensou em construir espaços para preservar o que restou do passado. Tal fato indica que os postulados trazidos por Nora (1993), a partir da patrimonialização de determinados lugares da França, já se espalhavam para além do continente europeu.

Feitas essas considerações, destacamos algumas informações sobre a história das escolas escolhidas para este estudo. O Colégio Farroupilha⁴, instituição laica, foi uma iniciativa da burguesia alemã em Porto Alegre que o idealizou para atender os filhos dessa comunidade étnica (Jacques, 2013). Inicialmente, a escola teve suas instalações em salas na Comunidade Evangélica, no Centro Histórico da cidade. Alguns anos depois, em 1895, foi inaugurado o edifício que, mais tarde, seria conhecido como o *Velho Casarão*. O colégio permaneceu neste endereço por 67 anos até ser transferido para a sede atual, com edifícios grandiosos, em bairro altamente elitizado⁵. No ano de 2002, houve a criação do “Memorial do *Deutscher Hilfsverein* ao Colégio Farroupilha”. De acordo com Jacques (2013, p. 58), “[...] em 2002, nasceu da necessidade de se contar e preservar a história da instituição, sua comunidade, bem como, da História da Educação em Porto Alegre”⁶.

A segunda escola investigada é o Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho, fundado em 1905, por Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã. Esse movimento educacional iniciou em 1900, quando três religiosas da ordem se deslocavam do centro da cidade, da escola Nossa

Senhora dos Anjos, para atender as crianças, em uma casa alugada, do bairro Moinhos de Vento, a "Escolinha do Bairro Moinhos de Vento", como era conhecida (Witt, 2013)⁷. Com o passar do tempo, adquiriu-se um terreno, no próprio bairro, também ocupado por famílias de origem alemã, em que se planejou a construção da escola e também a moradia das Irmãs. Desde sua fundação, a instituição possuía regime de internato para as meninas, que esteve em funcionamento até 1960⁸.

O Memorial do Colégio Bom Conselho começou a ser idealizado em 2010, inaugurado em 2013. Foi construído a partir de assessoria e curadoria da museóloga Luciana Oliveira de Brito, contratada para este propósito (Witt, 2013). Atualmente, o espaço segue a organização original de quando foi pensado, mantendo uma exposição permanente da memória institucional.

Para apresentar a terceira instituição, é preciso retornar ao ano de 1885, quando o Colégio Americano iniciou suas atividades como Colégio Evangélico Misto nº1, em um prédio alugado no Centro Histórico de Porto Alegre. O fundador, Reverendo João Correa, enviado pela Igreja Metodista de Montevideo, implementou a escola (Witt, 2013). Em 1945, transferiu-se para o endereço atual, em terreno comprado pela Divisão das Mulheres da Igreja Metodista dos Estados Unidos. Oferecia os cursos Clássico, Científico e Economia do Lar. Foi reconhecido como primeira instituição escolar a criar o curso de Secretariado no Brasil, em 1952 (Almeida, 2013a).

Em 1994, foi fundado o Museu Histórico Bispo Isac Aço, em homenagem ao último bispo que atuou na instituição. Sua origem remonta a 1931, com o Museu integrado de Ciências Naturais e História. Ao separarem-se, o Museu passou a ser responsável pelas memórias do Instituto de Porto Alegre (IPA)⁹ e do Colégio Americano, assentando, desta maneira, suas raízes na casa onde residiam os bispos. Atualmente, a Rede Metodista enfrenta uma difícil situação financeira, que atinge diretamente o Museu. Desde o início da pesquisa, em 2022, o Museu estava fechado para comunidade externa e, a partir de 2023, também inacessível à comunidade interna.

O próximo colégio, Sinodal, é o único em São Leopoldo, localidade que recebeu os primeiros imigrantes alemães no Rio Grande do Sul. Foi nele que o Sínodo Rio-Grandense¹⁰ reuniu pequenas escolas, com vistas a melhorar as condições de estudo da população. Essa Rede, além de ser religiosamente atuante em sua comunidade, também exerce papel importante no

âmbito da educação. Ao longo dos anos, o Sínodo Rio-grandense assumiu o controle de diferentes escolas primárias, mas ainda faltava uma instituição que representasse os valores específicos da comunidade. É neste cenário que, em 1935, no 42º Concílio do Sínodo Rio-Grandense, emergiu a proposta de construção de uma escola ginasial para dar sequência à educação ensinada nas escolas primárias.

Movidos pelas celebrações dos 50 anos, o Sinodal começou a pensar em como preservar seu passado. Assim, em 1996, o Museu Escolar Professor Arnildo Hoppen foi criado, a partir da iniciativa de Lilian Sofia Saenger, professora de Belas Artes, que assumiu a tarefa de reunir memórias do Colégio, da Rede Sinodal, e de sua comunidade. Localizado onde anteriormente havia sido o primeiro internato dos alunos, o museu se constituiu em uma junção de duas casas geminadas de dois andares com diversos ambientes temáticos.

A partir desses dados que evidenciam aspectos históricos das escolas, identificam-se, a seguir, singularidades e diferenças entre elas. Todas são iniciativas de comunidades étnicas e/ou religiosas, formadas por pessoas de outros países. Isso demonstra o interesse em escolarizarem as novas gerações, sobretudo em fins do século XIX/início do século XX, quando o Estado ainda pouco investia na escola pública.

Tanto o Colégio Farroupilha quanto a Rede Sínodo, em São Leopoldo, foram constituídas no mesmo ano, em 1886, por imigrantes e descendentes de alemães, entretanto o Colégio Farroupilha sempre foi uma instituição laica, enquanto o Sinodal é de confissão luterana. Nesta perspectiva, constata-se que três foram estabelecidos por mantenedoras religiosas: católica, metodista e luterana. Com relação aos edifícios escolares, percebe-se que são construções dotadas de monumentalidade, planejadas para provocar uma espécie de reverência das pessoas, diante das instituições.

Importa destacar que duas das escolas tiveram o propósito de educar meninas, o Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho e o Colégio Americano, católico e metodista, respectivamente. Seguindo as políticas de educação do país, à medida que o século XX avançou, desenvolveram a co-educação, ajustaram-se às diretrizes nacionais para continuarem a existir.

As escolas, bem como seus lugares de memória, existem pela ação daquelas e daqueles que lá trabalham ou estudam. Na sequência,

discutiremos os percursos das quatro mulheres que estão à frente dos gestos de guardar nas escolas.

"Mirem-se no exemplo"¹¹: Quem guarda a memória escolar?

Ângela de Castro Gomes (1996) entende as guardiãs de memória como sujeitos responsáveis por um acervo, que se identificam profundamente com a força dos gestos de guardar, absorvendo as narrativas dos grupos que representam. São pessoas que têm legitimidade para falar pelo coletivo, são vistas como aquelas que têm o trabalho de guardar, lembrar e compartilhar o passado conservado, influenciam e são influenciadas pelas memórias do grupo de quem são uma espécie de porta voz. Além de serem importantes para a preservação, para o controle do lugar, as guardiãs fazem parte do processo, fazem parte do local e de sua significância.

Na pesquisa, essas pessoas são todas mulheres. Longe de tomar isso com naturalidade, trata-se de um dado a ser estranhado, pensando nas relações que se estabelecem historicamente entre o guardar e a memória feminina. "No teatro da memória, as mulheres são sombras tênues [...]", nos diz Michelle Perrot (2011, p. 18), fazendo referência ao fato de a história ter privilegiado o masculino quanto à ocupação dos espaços públicos, da política, da sociedade como um todo, deslocando-as às margens, invisibilizando-as. Desse modo, as mulheres foram aquelas destinadas a cuidar da casa, dos filhos, dos maridos, das lembranças da família, através do cuidado com fotografias, convites, bilhetes, cartas. Essas são "memórias silenciosas" (Perrot, 2011, p. 131), práticas transmitidas de mães para filhas, mesmo no tempo presente, em que as mulheres estão em outras posições, antes majoritariamente reservadas aos homens.

Metodologicamente, foram visitados, mais de uma vez, os espaços de memória das instituições escolares. Em casa visita, a importância de exercitar a observação crítica, processo este construído a partir da experiência vivida pelo historiador em contato com os objetos de estudo, segundo Tura (2003). Logo após, foram entrevistadas as responsáveis técnicas pelos lugares, quando se procurou promover condições para que pudessem rememorar seus itinerários pessoais e profissionais e avaliar as condições de seu ofício atual, valendo-se dos postulados da História Oral (Portelli, 2016, Thomson,

1997). Optou-se em construir uma entrevista dividida em dois eixos: no primeiro, *Quem é ela*, a ideia foi encorajá-las a exporem seus percursos de vida, trabalho e formação. No segundo, *Ela, o lugar de memória e a instituição*, procurou-se incentivá-las a narrarem sua relação com a escola e com seu trabalho.

As quatro entrevistas ocorreram em datas marcadas, com o envio prévio das perguntas. Buscou-se, desse modo, evitar um possível desconforto por não saberem de antemão o teor dos questionamentos. Segundo Errante (2000), muitos narradores se preparam para o evento, e, de acordo com sua disposição para o assunto, a rememoração terá um resultado ou outro. Uma espécie de decisão do que irá dizer indica que o entrevistado, de certo modo, *negocia* a partilha de suas narrativas.

Como anunciado, discute-se aqui se essas mulheres, de fato, seriam guardiãs ou responsáveis administrativas dos lugares de memória pesquisados. Quais as relações que elas estabelecem com as instituições em que trabalham? Para que o texto a seguir faça sentido ao leitor, apresentamos esse quadro 2, com o objetivo de indicar aspectos dos seus percursos, considerados relevantes para a pesquisa.

9

Quadro 2 – Quem são elas?

	Alice R Jacques	Irmã Carla da Silva	Suzana Oderisch	Leni Schneider
Idade	64 anos	40 anos	59 anos	65 anos
Filhos	Sim	Não	Sim	Sim
Formação	Doutora em Educação, Pedagoga	Licenciada Artes Visuais	Licenciada em História	Bacharel e licenciada Ciências Sociais,
Profissão dos pais	Mãe dona de casa, pai securitário	Mãe dona de casa, pai pescador	Mãe dona de casa, pai engenheiro	Pais Agricultores
Instituição	Colégio Farroupilha	Colégio Bom Conselho	Colégio Americano	Colégio Sinodal
Ingresso na escola	1985	2021	2008	2011
Cidade	Porto Alegre	Porto Alegre	Porto Alegre	São Leopoldo

Fonte: Quadro 2 construído pelas autoras, com base nas entrevistas realizadas em 2023.

Quadro 2 – Quem são elas? (continuação)

	Alice R Jacques	Irmã Carla da Silva	Suzana Oderisch	Leni Schneider
Nome do espaço	Memorial do Colégio Farroupilha	Memorial do Colégio Bom Conselho	Museu Bispo Isac Aço	Museu Escolar Arnildo Hoppen
Ingresso no espaço	2001	2021	2019	2011
Como ocorreu o ingresso	Construiu projeto: criação do espaço	Transferência Missão religiosa	Convite até aposentadoria	Convite pós aposentadoria
Papel no local	Coordenadora	Responsável	Responsável Interina	Coordenadora

Fonte: Quadro 2 construído pelas autoras, com base nas entrevistas realizadas em 2023.

A partir dessa exposição, refletimos sobre aspectos de seus itinerários e de sua vinculação com o Colégio, apostando nas singularidades do percurso de vida, formação e trabalho, para, depois, avançarmos em outras problematizações.

10 No Memorial do Colégio Farroupilha, à sua frente está Alice Jacques. Viúva, tem uma filha de 28 anos. Nascida no interior do Rio Grande do Sul, estudou em escolas religiosas e, segundo sua narrativa, o interesse pela memória foi despertado pelo pai que tinha o costume de adquirir revistas, livros, enciclopédias, provocando na filha o gosto pela leitura e pesquisa.

Sobre seu percurso no Colégio Farroupilha, ingressou em 1985, como docente dos anos iniciais de escolarização, depois, em 1990, integrou a equipe da coordenação pedagógica. Após mudanças na equipe diretiva da escola, emergiu a ideia da construção do Memorial, inaugurado em 2002. Desde sua concepção, é ela quem responde pelo espaço. Entretanto, não foi a primeira a pensar na importância daquele acervo. A professora Lia Mostardeiro, alfabetizadora, que lecionou por cinquenta anos nesta escola, antes de se aposentar¹², começou a reunir arquivos, tanto do colégio, quanto da Associação Beneficente e Educacional, a mantenedora da instituição. Assim, iniciou o processo de seleção das materialidades que comporiam, posteriormente, o acervo institucional. A partir de 2010, a professora Alice investiu em sua formação acadêmica, com os cursos de Mestrado e Doutorado pelo Programa de Pós Graduação em Educação/PUCRS¹³,

especializando-se em História da Educação, campo de estudos em que continua ativa, com a participação em Grupos de Pesquisa e eventos da área. Portanto, atua profissionalmente no Colégio há quase quarenta anos e no Memorial está há mais de duas décadas, desenvolvendo ações de organização, captação de acervos, pesquisa, curadoria de exposições e produção de atividades de ensino oferecidas aos estudantes da escola.

Durante a entrevista, a questionamos sobre seu trabalho. É perceptível, em sua fala, o quanto este lugar *toma conta de suas vísceras*. Destaca que seu dever de memória com a sociedade é garantir que tudo que lhe foi doado em confiança, como representante do lugar, seja respeitado, preservado.

À frente do Memorial do Colégio Bom Conselho, encontra-se, atualmente, a Irmã Carla da Silva, também responsável pelas atividades de secretaria da instituição. Natural da Bahia, é a mais jovem entre as quatro mulheres, tem cinco irmãos, filha de mãe dona de casa e pai pescador. Relatou que ouviu o “chamado da vida religiosa” (Silva, 2023) ainda muito jovem, e, desde então, se dedica à obra franciscana. Assumiu suas atribuições no Bom Conselho no final do ano de 2021, após afastamento da antiga Irmã que era a responsável por esses serviços. Narrou que vive no Rio Grande do Sul desde 2006, foi neste período que ministrou aulas para as meninas que estavam ingressando na vida franciscana. Ao assumir a secretaria, ela *ganhou* o Memorial e, com ele, a responsabilidade de preservar o local para estar organizado para visitação. Observa-se que o desempenho de tantas funções restringe o tempo de dedicação ao cuidado dos acervos históricos da escola.

Percebemos que, mesmo sem formação e experiência de condução de um “lugar de memórias” (Nora, 1993), demonstra interesse pela atividade. Comentou que se preocupa em como esse acervo estará para as futuras gerações, de modo que os estudantes possam usufruir e ter acesso ao que foi produzido pelo colégio e pelas Irmãs Franciscanas. Verbaliza a importância em proteger o que restou do passado, ressalta que este interesse partiu das Irmãs, em 2000, mas que, naquele tempo, ainda não havia o objetivo a construção de um espaço de memória.

O Memorial se apresenta como uma exposição permanente, contempla documentos representativos dos feitos da escola até o ano de 2010. Irmã Carla salientou que não há a intenção de alterar esse formato atual, o que

pode diminuir sua força como "lugar de memória" (Nora, 1993). Entretanto, falou sobre uma ideia, ainda embrionária, de utilizar outras dependências do edifício para ampliar essa mostra, exibindo materialidades mais próximas do tempo presente, sem alterar o que já foi feito.

Chegou o momento de refletir sobre a narrativa de Suzana Oderisch, responsável pelo Museu Bispo Isac Aço, do Colégio Americano. Ela é viúva e mãe de dois filhos já adultos. Natural de Porto Alegre, o pai era engenheiro e a mãe dona de casa. Comentou que, após ter crescido, viu sua mãe decidir cursar Enfermagem, se formar e começar a trabalhar na área, também uma profissão ligada ao cuidado. Sua antecessora no Museu, uma professora de Artes da escola, aspirava pela aposentadoria e queria se afastar de algumas funções, dentre elas o Museu. Especulamos as razões desta docente querer se afastar do Museu. Estaria ali apenas aguardando o fim de suas atividades laborais na escola?

No tempo da pesquisa, o espaço encontrava-se fechado, mas, antes disso, Suzana Oderisch tentou retomar as atividades museológicas, organizou fotos e auxiliou professores durante as práticas pedagógicas. Ainda, cumpria a carga horária como docente de História da mesma instituição. Evidencia o entendimento, como professora de História, de seu papel à frente do Museu, lamenta não ter recursos para fazer mais e melhor, "não possuo formação, sei da importância em se fazer cursos, procurar pelas técnicas certas, gostaria de ter tempo" (Oderisch, 2023). Narrou que sempre teve a prática de levar seus alunos para visitarem o lugar, relacionando o conteúdo visto em aula com o acervo. Apreciava de participar dos eventos promovidos pelo Museu, não apenas como professora, mas como integrante da comunidade.

Entretanto, como dito anteriormente, pelas dificuldades financeiras da instituição, o lugar encontra-se fechado. No retorno, depois dos piores momentos da pandemia de Covid-19, em 2022, a entrevistada comentou que nutria a expectativa que o Museu recebesse recursos, que ela tivesse uma maior carga horária nesta função para que pudesse se dedicar mais, em suas palavras, "me entristeço em ter esse acervo disponível e não poder oferecer um trabalho real e significativo" (Oderisch, 2023). A questão financeira das instituições parece ter uma íntima relação com seus espaços de memória, ou seja, observa-se que esses são os primeiros a serem atingidos quando faltam recursos. Como priorizar museus e memoriais, se não existe capital para pagar o salário dos funcionários, por exemplo?

Como encarregada pelo Museu Escolar Arnildo Hoppen do Colégio Sinodal, encontramos Leni Schneider, membro da Igreja Luterana. Natural de Santa Catarina, é casada e tem um filho adulto. Filha de pai agricultor e mãe dona de casa, foi para São Leopoldo completar os estudos. Naquele momento, ainda adolescente, iniciou sua história com o Sinodal. Sua vida se mistura com a instituição, tendo em vista que há quase meio século constrói laços que a ligam ao colégio e a Rede. Depois que assumiu o Museu, procurou por cursos na área da Museologia, ofertados pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, para melhor desempenhar suas funções. Ela mesma conduz as visitas guiadas para a comunidade e pesquisadores, também é responsável pelos eventos que envolvam os ex-alunos.

Ao longo de sua narrativa, enfatiza que retornou à escola depois da aposentadoria pelo valor sentimental que esta instituição representa em sua vida. Nisso se percebe mais um indício da forte relação entre a professora e o lugar em que trabalha, talvez uma certa dificuldade de desprendimento. Leni explica que voltou porque entendia que o Museu precisa continuar a existir, somente assim as crianças da comunidade poderiam entender quem são, pensar em seu futuro e descobrir de onde vieram.

Sendo assim, a professora assumiu este cargo em 2011, mas comentou que a antiga responsável, professora Lilian Sofia Saenger¹⁴, à frente da administração do Museu, entre 1996 até 2011, a visitava com frequência para ajudá-la, nas diversas atividades. Lembra, com nostalgia, o tempo em que trabalharam juntas, sem constrangimento, dá créditos à sua antecessora por todo o trabalho que desenvolveu, compreendendo organização, inventário e catalogação documental. E assim, segue as mesmas diretrizes iniciadas por Lilian.

Leni Schneider continua buscando salvaguardar as memórias da instituição, mantém as atividades de organização arquivística e museológicas, recebe pesquisadores, promove o acesso à documentação. Quando expõe o que pensa sobre a necessidade de se preservar a memória escolar, quando participa e se envolve com as visitas dos alunos para atividades de aula, atesta intimidade, talvez por se sentir parte importante desse passado institucional.

Apresentados, ainda que em grandes linhas, os itinerários das quatro professoras, avançamos nas problematizações em torno de suas narrativas,

com vistas a construir conexões entre seus percursos e a relação que construíram com o espaço de memória de cada escola. Por meio do exame da narrativa produzida em entrevista, juntamente com as observações feitas, buscamos avaliar se essas mulheres podem ser reconhecidas como "guardiãs" do lugar em que trabalham.

Observa-se que três são mulheres maduras, com mais de sessenta anos. A maioria é mãe, dimensão existencial culturalmente associada à ideia do cuidar. A entrevistada sem filhos se dedica à vida religiosa, portanto também tem no cuidar um elemento importante de sua trajetória. Mesmo pertencentes a estratos sociais diferentes, todas tiveram mães donas de casa, o que leva a pensar na transposição deste modelo de zelo pela casa, envolvendo várias gerações de mulheres, para esses lugares de memória.

As quatro têm formação em cursos de licenciatura, embora apenas Susana Oderisch ainda atue como docente. Alice Jacques é formada em Pedagogia, Irmã Carla da Silva tem o Curso Magistério e graduação em Artes Visuais, Suzana Oderisch tem formação em História e Leni Schneider, em Ciências Sociais. A partir deste ponto em comum, constatamos que a formação acadêmica de cada uma, diretamente vinculada à Educação, se afina à atividade no espaço de memória institucional.

Pensando nas interfaces entre as narradoras e os espaços de trabalho, são importantes outras reflexões. Alice idealizou o Memorial do Colégio Farroupilha, em 2001, e, desde então, está à frente dele. Irmã Carla recebeu uma missão religiosa no Colégio Bom Conselho, assumindo, desde o final de 2021, a secretaria da escola e o Memorial. Suzana recebeu convite para ficar como responsável interina do Museu Bispo Isac Aço, em 2019, uma vez que, estava no período pré-aposentadoria¹⁵. Por fim, Leni trabalhou para a Rede Sinodal, mantenedora do Colégio Sinodal, até se aposentar e, em 2011, foi convidada a retornar como coordenadora do lugar de memória.

Quando questionadas sobre os locais em que trabalham, todas expuseram que exercem atividade remunerada apenas nessa instituição, indicativo de maior probabilidade de construção de vínculos afetivos. Relataram que nutrem um sentimento fraternal, quase familiar, pela escola e por sua comunidade. Quase todas trouxeram situações delicadas, envolvendo a saúde sua e de familiares, contaram que o acolhimento vindo da direção e dos colegas foram ancoragens necessárias para que se mantivessem bem e sãs. Sentir-se

pertencente a uma entidade parece ter sido o diferencial para que superassem os momentos de dor.

Exceto a Irmã Carla, que ingressou recentemente no Colégio Bom Conselho, as demais fazem parte do corpo de funcionários das escolas há muitos anos: Alice ingressou em 1985; Suzana, em 2008 e Leni efetivamente começou a trabalhar no Colégio Sinodal em 2011, contudo, se aposentou pela Rede Sinodal anos antes. O tempo de vida funcional em uma mesma instituição é outro dado importante para construção de lações afetivos com a memória do lugar.

É possível perceber o envolvimento delas com as escolas em que desenvolvem seu ofício. Durante as entrevistas, em diferentes intensidades, manifestaram sentimentos de preocupação, cuidado, apego, ciúme, zelo, compaixão, posse, por estes lugares de memória, bem como pelas escolas. Neste sentido, é de se pensar nos desafios de Alice Jacques para produzir a Dissertação de Mestrado e Tese de Doutorado, tendo em vista que pesquisou historicamente o Colégio Farroupilha, precisou, portanto, estranhar e não deixar-se seduzir pela entidade, transformada em objeto de estudo.

Irmã Carla é o oposto de Alice em questão de tempo na instituição e idade, enquanto a segunda está há quase quatro décadas de escola, a primeira chegou faz apenas dois anos no Colégio Bom Conselho. Em contrapartida, ambas compõem as equipes diretivas. Alice assumiu a coordenação pedagógica nos anos 1990, depois o Memorial e, quando necessário, assume a direção do Farroupilha, interinamente. Irmã Carla tem sob sua responsabilidade a secretaria da escola, o cuidado com as outras Irmãs, o gerenciamento dos assuntos ligados aos ex-alunos e o Memorial, entre outras funções. Além de ser a entrevistada mais jovem e com o menor tempo na escola, também tem sob sua administração o Memorial mais recente de todos os analisados.

Suzana Oderisch ingressou no Colégio Americano quatorze anos depois da criação do Museu. Logo que passou a lecionar em tempo integral na instituição, começou a participar mais ativamente da comunidade escolar. Comentou, com alegria, que presenciou “os anos de ouro do Museu!” (Oderisch, 2023), os primeiros quinze anos do século XXI, em que, para ela, tudo funcionava, havia estagiários, atividades, presença de estudantes, familiares em visitas, estudantes universitários em suas pesquisas. Com tristeza,

rememorou o início do fim deste espaço que possivelmente esteja já fadado ao esquecimento, em virtude da instituição enfrentar uma crise financeira. Nesses quinze anos, ela já viu e viveu muitos sabores e dissabores, enquanto pertencente a esta comunidade escolar.

Leni Schneider é a narradora com mais tempo de casa, com quase cinquenta anos de engajamento na Rede Sinodal. Estudou em uma escola que pertencia à essa Rede e participava das aulas de teatro que aconteciam no Sinodal. Andava pelas calçadas da escola, antes mesmo do Museu ser pensado, suas lembranças do tempo de estudante do clube de teatro estão organizadas junto com os antigos figurinos, fotografias e desenhos que hoje fazem parte do acervo do Museu que ela coordena. Durante sua fala, fez pausas, rememorando o passado. Demonstra orgulho por estar ali com o posto que desempenha, confia que voltou pela escola, mas também por ela. Compreende-se que suas memórias estão entrelaçadas às da escola, o sentimento de pertencer a aquele espaço, faz com que se sinta *em casa*, enquanto está no Museu.

16 Ainda, nessa direção, como elas entendem sua relação com o espaço? Escolheram-se trechos das entrevistas que evidenciam as subjetividades das narradoras. Quando Alice diz que o Memorial do Colégio Farroupilha "é a sua alma" (Jacques, 2023), dá para sentir o peso dessas palavras, expressa apreensão ao imaginar que aquele lugar possa ser esquecido, quando não estiver mais por lá. Seu receio é que tudo o que foi construído se perca, perca movimento, e se transforme apenas em um local de exposição permanente de *coisas antigas* da escola. Entende-se esse temor como expressão de certo sentimento de posse que deixou transparecer, uma vez que, conscientemente ou não, aquele lugar é *dela*, existe através de sua dedicação. Assim verbaliza, "[...] esse espaço não é meu, mas sinto como se fosse, eu me vejo em cada objeto posicionado, isso tudo é o trabalho de uma vida, da minha vida" (Jacques, 2023).

Em momento distinto ao de Alice, que carrega o sentimento de pertencimento estabelecido, destaca-se, na fala da Irmã Carla, o momento em que relata, com entusiasmo, as ideias que ela tem para o futuro do Memorial do Colégio Bom Conselho. Ela expressa a vontade de organizar o acervo, de avançar nessa atividade.

A narrativa de Suzana Oderisch, mais uma vez, está implicada à crise financeira da instituição, já comentada. Falou sobre o Museu Bispo Isac Aço carregada de pesar, por vezes beirando à incredulidade de que esteja ruindo. Refletiu sobre o sentimento de impotência diante dos fatos. Há, em suas palavras, o temor de que se a escola encerrar suas atividades, o Museu esteja sentenciado ao esquecimento. É possível notar que tanto Alice quanto Suzana verbalizam este temor do esquecimento que pode levar ao apagamento da memória de suas escolas.

Por sua vez, Leni, depois de se aposentar, retornou como funcionária do colégio, “[...] não por necessidade financeira, mas pelo apego emocional que a escola e o Museu representam na minha vida” (Schneider, 2023). Afirmou que o Museu precisa continuar existindo, que a comunidade precisa dele aberto. Nos pareceu que, mesmo de maneira indireta, acredita que só ela poderia seguir o legado da administradora anterior. Percebe-se que sofreria se o espaço, por algum motivo, viesse a fechar, não chegou a mencionar o esquecimento, mas demonstrou o mesmo temor, trazido pelas narradoras anteriores. Portanto, chamamos a atenção para a percepção desse sentimento de incerteza diante do que o futuro reserva para os espaços de memória que afetam Alice, Leni e Suzana, as aproximando.

Ao analisar algumas aproximações entre as quatro mulheres, observamos que todas têm formação em cursos de licenciatura. Quase todas possuem filhos adultos. As quatro expressam um entendimento com relação à necessidade das escolas manterem seus espaços de memória. Quanto ao exercício das atividades, constata-se que trabalham sozinhas. Esse fato faz pensar no pouco/aparente investimento das instituições em sua memória, por manterem esses lugares tendo apenas uma funcionária. Importa lembrar que, à exceção de Leni Schneider, as demais assumem outras tarefas, que lhes consomem tempo e energia. Não há, portanto, disponibilidade integral para o trabalho *do guardar*. Pensando na atuação específica de cada uma no espaço de memória, há que se considerar as possíveis dificuldades do cotidiano de um ofício solitário, pois além de se desdobrarem assumindo demandas distintas, não têm com quem dividir o que fazem nos museus e memoriais, não têm com quem partilhar os desafios, anseios e alegrias de suas atividades.

Quanto às singularidades, após a investigação, somos levadas a concluir que Alice Jacques e Leni Schneider podem ser consideradas guardiãs de memória (Gomes, 1996), pois elas *vivem* aqueles lugares, estão

profundamente implicadas no que diz respeito ao passado da instituição e a comunidade reconhece nelas suas interlocutoras com a memória. Suas ações são voltadas para os processos de salvaguarda dos vestígios de outrora da escola, mas também são movidas pelo presente.

Pensando naquelas que iniciaram o trabalho de guardar acervos das escolas, é preciso reverenciar as professoras Lia Mostardeiro, do Colégio Farroupilha e Lilian Sofia Saenger, do Colégio Sinodal. Aqui nos arriscamos a também chamá-las de guardiãs de memória. Tiveram suas vidas pessoais entrelaçadas à instituição em que trabalharam, dedicando-se a elas, quase messianicamente e, nesse quase devotamento, o cuidado com a memória escolar se fez presente entre seus interesses e atividades. Foram, pode-se dizer, precursoras nas ações que conduziram aos gestos de guardar lembranças de diferentes temporalidades no Farroupilha e no Sinodal.

Entretanto, como pensar nas relações de Suzana Oderisch e Irmã Carla da Silva com os espaços de memória que são responsáveis? Diferentes fatores, sobretudo financeiros, para uma, e temporais, para outra, dificultam o trabalho de ambas. Suzana, diante da iminente situação de falência do Colégio Americano, pouco pode fazer pelo Museu Bispo Isac Aço. Irmã Carla demonstra apreço pelo Memorial, aparenta vontade em apostar na ampliação de suas ações, contudo, tem como impeditivo o fator tempo, pois assumiu essa função há apenas dois anos, em meio a outros tantos afazeres, muitos deles diretamente relacionados à organização da vida funcional de estudantes e professores, atividades próprias da secretaria de uma escola.

Refletir sobre os atravessamentos, de ordens objetiva e subjetiva, no trabalho dessas quatro mulheres faz pensar no quanto pode ser tênue a linha que separa o querer e o poder realizar, ou seja, o quanto as vontades individuais podem esbarrar em entraves institucionais. Neste sentido, a provocação do verso de Chico Buarque "mirem-se no exemplo das mulheres de Atenas" nos remete a presumir a capacidade de entrega, de todas elas, com diferentes matizes, considerando que, ao que tudo indica, não executam suas atividades como se fosse algo banal, corriqueiro e sim reverenciam seu lugar de ofício, lutam para a memória da escola não seja esquecida, diante do tão incerto futuro.

Conclusões

A realização desta investigação promoveu a produção de mais um estudo dentro do campo da História da Educação, envolvendo quatro lugares de memória escolares, em Porto Alegre e São Leopoldo/RS. Trata-se de uma temática ainda com muito a ser explorado, detentora de discussões potentes.

Considerando o objetivo de problematizar a constituição de espaços de memória em quatro escolas centenárias do Rio Grande do Sul, fomos ao encontro das responsáveis pela administração destes espaços, tendo como referência os conceitos de patrimônio histórico-educativo e de guardiãs de memória. Relembramos que a ideia constitutiva de ser uma guardiã contempla algo que transcende o exercício das tarefas técnicas, carrega algo de doação, de afecção pelos gestos de guardar, na perspectiva de tomar para si a memória de um grupo e cuidá-la, defendê-la, protegê-la.

Encerramos este texto, refletindo acerca dos quereres destas escolas, quando se propõem a construir um lugar para suas memórias. As ações realizadas por estes espaços, na tentativa de preservar o passado, fazem parte do processo de construção do patrimônio histórico-educativo. Ao exercitar a observação crítica, constatamos que escapar do esquecimento, por meio da produção de uma bela narrativa sobre o passado da escola, edificando-a, tanto para a comunidade, quanto para a sociedade, é o que move essas instituições. Nas intencionalidades do que *se deve* lembrar, sempre existem apagamentos propositais. Os lugares de memória, escolares ou não, apelam para sensibilizar e produzir adesões a determinados discursos, muitas vezes laudatórios.

Quando analisados os gestos de guardar e suas relações com quem os conduz, nota-se que a potência dos museus e memoriais depende muito da disposição e entrega de quem lá trabalha. Os espaços aqui investigados não conseguem *lutar sozinhos*. Necessitam de apoio institucional para que possam seguir existindo. No entanto, a pesquisa conclui que há um descompasso entre a dedicação destas responsáveis e as vontades de memória das escolas. Retornando aos versos que intitulam este texto, observa-se “o querer que há”, ou seja, a intenção memorial nas quatro escolas, com efetivos gestos patrimoniais, em grande parte conduzidos pelo trabalho das professoras, mas também “o querer que não há”, que nos indica a importância de um maior investimento na construção de políticas de memória que não sejam apenas

centradas em ações individuais e se proponham a fomentar ações mais fecundas, atribuindo valor aos bens da escola, em sentido lato, ampliando, assim, a força do conceito do patrimônio histórico-educativo.

Notas

1. Expressão de Pierre Nora (1993), "lugares de memória" criados para preservar a memória, cunhados na intencionalidade e movimento de se contar uma narrativa sobre um passado que não existe mais, onde a própria memória já não se sustenta sozinha para explicá-lo. Este conceito já está bem estabelecido, consenso entre historiadores, arquivistas, desta maneira optamos por não referenciar toda vez.
2. Ao longo do texto, usa-se espaço na definição de Michel de Certeau (1994), como referência à lugar. O autor entende espaço como um lugar praticado, com movimento, com fluidez. Entende-se que os lugares de memória sejam estes espaços citados por Certeau, espaços de memória.
3. Nota-se que dois dos lugares de memória escolares analisados optaram pelo reconhecimento como Museu e os outros dois usam o termo Memorial. Sobre Museu ver conceito do Comitê Internacional de Museus – ICOM (2022). Sobre Memorial ver Axt (2013).
4. Na época de sua fundação, o colégio recebeu o nome de Knabenschule des Deutschen Hilfsverein (Escola de Meninos da Associação Beneficente Alemã), mais tarde quando passou a receber turmas mistas, passou a ser reconhecido como Deutschen Hilfsvereinsschule (Escola da Sociedade Alemã). No período de nacionalização do ensino, adotou o nome Farroupilha, utilizado até hoje (Grimaldi e Almeida, 2013).
5. O desenvolvimento urbano provocou a expansão das escolas para outras áreas, além das zonas centrais, fenômeno recorrente nas cidades mais populosas do Brasil. Tal expansão foi acompanhada pelas comunidades escolares, que, gradativamente, passaram a habitar o entorno das escolas (Bressan, 2013).
6. A partir do projeto de pesquisa, coordenado pela professora Maria Helena Câmara Bastos, financiado pelo CNPq, houve a produção de dois livros, *Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha/RS: Memórias e histórias (1858-2008)*, vol. I e II, em 2013, que apresentam artigos relacionados com a história do Colégio.
7. Existem artefatos que compõem o acervo do Centro Histórico Cultural Santa Casa, que contam um pouco das memórias destas freiras enquanto elas faziam esse movimento de ir e vir do Centro Histórico para o Moinhos de Vento. Em entrevista de Silva, 2023.
8. Bom Conselho, s/d, doc. Eletrônico.
9. Para maiores informações sobre a história do Instituto Porto Alegre, ver Lima, 2014.
10. Sínodo significa assembleia ou reuniões, das comunidades luteranas. O Sínodo Rio-Grandense foi fundado em 20 de maio de 1886, e hoje está subdividido em nove sínodos menores, o colégio Sinodal pertence ao Sínodo do Vale do Rio dos Sinos. Ver Renner; Kohl; Kuner, 2011.
11. Música "Mulheres de Atenas", de Chico Buarque de Holanda, 1976.

12. Sobre a professora Lia Mostardeiro, ler Almeida, 2013b.
13. Dissertação de Mestrado, "As Marcas de Correção em Cadernos escolares do Colégio Farroupilha/RS - 1948/1958", 2011. Tese de Doutorado, "O ensino primário no Colégio Farroupilha: do processo de nacionalização do ensino à LDB N 4.024/61 (Porto Alegre/RS: 1937/1961)", 2015, ambos orientados pela prof.ª dr.ª Maria Helena Câmara Bastos, na Pontifícia Universidade Católica do RS.
14. Sobre a professora Lilian Sofia Saenger, ler Grazziotin, 2015.
15. Estabilidade que a professora adquiriu de não poder ser demitida da Instituição através de legislação por estar próxima de se aposentar.

Referências

ALMEIDA, Dóris Bittencourt. O Crisol: periódico das alunas do Colégio Americano (Porto Alegre/RS, 1945 – 1964). **Revista História da Educação**, v. 17, p. 251-166, 2013a.

ALMEIDA, Dóris Bittencourt. Um caminho de pregnancies: os cinquenta anos de alfabetização da professora Lia Mostardeiro (1945- 1994). In. BASTOS, Maria Helena Camara; JACQUES, Alice Rigoni; ALMEIDA, Dóris Bittencourt. (org.). **Do Deutscher Hifsverein ao Colégio Farroupilha/RS: memórias e histórias** (1858-2008). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013b.

AXT, Gunter. A função social de um memorial: a experiência com memória e história no Ministério Público. MÉTIS: **História & Cultura**, v. 12, n. 24, p. 64-89, 2013. Disponível em: www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/2338 Acesso em: 15. nov. 2023.

BRESSAN, Renan Gonçalves. Urbanização e escolarização nos estudos sobre instituições escolares. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, v. 13, n. 33, p. 29-56, set./dez. 2013.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: as artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994 (v. 1).

ERRANTE, Antoniette. Mas afinal, a memória é de quem? Histórias orais e modos de lembrar e contar. **Revista História da Educação**, Campinas, v. 4, n. 8, p. 141-174, 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30143>. Acesso em: 15 nov. 2023.

FELGUEIRAS, Margarida. Herança educativa e museus: reflexões em torno das práticas de investigação, preservação e divulgação histórica. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 11.n. 1, jan/abr. 2011.

GOMES, Ângela de Castro. A guardiã da memória. Acervo. **Revista do Arquivo Nacional**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1/2, p. 17-30, jan./dez. 1996.

GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi Santos. Museu Escolar Arnildo Hoppen do Colégio Sinodal de São Leopoldo/RS (1996-2015). **Revista História da Educação**, v. 19, n. 47, p. 319-322, 2015. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/58020>. Acesso em: 15 nov. 2023.

GRIMALDI, Lucas Costa e ALMEIDA, Dóris Bittencourt. A Imprensa escolar do Colégio Alemão: Das Band e Relatório Mensal do Ginásio Teuto-Brasileiro Farroupilha (1929-1939). In: BASTOS, Maria Helena Camara; JACQUES, Alice Rigoni; ALMEIDA, Dóris Bittencourt (org.). **Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha/RS: memórias e histórias (1858-2008)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013.

HARTOG, François. Tempo e patrimônio. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 22, n. 36, p. 261-273, jul./dez. 2006.

HARTOG, François. **Crer em história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

ICOM, Conselho Internacional de Museus. Conselho que se dedica em elaborar políticas internacionais para Museus. **Definição de Museu**. Disponível em: <https://icom.museum/en/resources/standards-guidelines/museum-definition/> Acesso em: 15. nov. 2023.

JACQUES, Alice Rigoni. **Entrevista**. Porto Alegre (Rio Grande do Sul), 10 jul. 2023.

JACQUES, Alice Rigoni. A Associação Beneficente e Educacional de 1858 e o Colégio Farroupilha (1886). In: BASTOS, Maria Helena Camara; JACQUES, Alice Rigoni; ALMEIDA, Dóris Bittencourt (org.). **Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha/RS: memórias e histórias (1858-2008)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013.

LIMA, Valeska Alessandra de. **Vozes que ecoam do morro milenar**: um estudo sobre os discursos difundidos no anuário Colunas (1937-1945). Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2014.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, p. 7-28, dez. 1993.

ODERISCH, Suzana. **Entrevista**. Porto Alegre (Rio Grande do Sul), 14 jul. 2023.

OLIVEIRA, João Paulo Gama e CHALOPA, Rosa Fatima de Souza. "Com o mar por meio": patrimonialização escolar em instituições educativas luso-brasileiras. **Revista História da Educação**, v. 27, p. 1-23, 2023.

PERROT, Michelle. **A história dos quartos**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

RENNER, Ivan; KOHL, Merlinde Piening; KUNERT, Udo Ingo. **Raízes, Ramos e Frutos**. Novo Hamburgo: Echo Gráfica Ltda, 2011.

SCHNEIDER, Leni. **Entrevista**. São Leopoldo (Rio Grande do Sul), 11 jul. 2023.

SILVA, Carla Ferreira da. **Entrevista**. Porto Alegre (Rio Grande do Sul), 12 jul. 2023.

SOUZA, Rosa Fátima de Souza. Preservação do patrimônio escolar: notas para um debate. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 14, n. 26, jan./jun. p. 199-221, 2013.

THOMSON, Alistair. Reconstituindo a memória: questões sobre a relação entre a História oral e as memórias. **Projeto História**, São Paulo, v. 15, p. 51-84, abr. 1997.

TURA, Maria de Lourdes Rangel. A observação do cotidiano escolar. ZAGO, Nadir. CARVALHO, Marília Pinto; VILELA, Rita Amélia Teixeira (org.). **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

VIDAL, Diana Gonçalves; PAULILO, André Luiz. Arquivos e educação: prática de arquivamento e memória. **Revista de Educação Pública**, Cuiabá, v. 29, p. 1-17, jan./dez. 2020.

WITT, Nara Beatriz. **Ensino ou memória**: (in) visibilidades dos museus escolares em Porto Alegre/RS, 2013, 125 f. Monografia (Graduação em Museologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/88672>. Acesso em: 15. nov. 2023.

Ms. Danielle Brum Ginar Telles

Bolsista PDI – Plano de Desenvolvimento Institucional

Centro de Memórias da Educação

Faculdade de Educação

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Grupo de Pesquisa Arquivos, Arquivos Pessoais, Patrimônio e Educação (GARPE/CNPq)

Orcid id: <https://orcid.org/0009-0005-7093-5113>

Email: daniellebgt@gmail.com

Prof.ª Dr.ª Dóris Bittencourt Almeida

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Brasil)

Programa de Pós-Graduação em Educação

Grupo de Pesquisa Arquivos, Arquivos Pessoais, Patrimônio e Educação (GARPE/CNPq)

Orcid id: <https://orcid.org/0000-0002-4817-0717>

Email: almeida.doris@gmail.com

Recebido 11 abr. 2024

Aceito 12 jun. 2024

